

**FORMAS DE FAZER CIRCULAR: ATUALIZAÇÕES DO PROJETO GRÁFICO DE *O DONO DOS PÉS* (1996; 2013), DE JUSSARA KOURY(H)**

**WAYS TO MAKE IT CIRCULAR: UPDATES TO THE GRAPHIC DESIGN OF *O DONO DOS PÉS* (1996; 2013), BY JUSSARA KOURY(H)**

Isaque da Silva MORAES\*

<https://orcid.org/0000-0001-5819-4010>

Daniela Maria SEGABINAZI\*\*

<https://orcid.org/0000-0002-5344-775X>

**Resumo:** Os projetos gráficos da literatura juvenil têm sido cada vez mais elaborados pela cadeia editorial, o que requer um olhar mais atento dos críticos e pesquisadores. Considerando tal questão, esse estudo objetiva realizar uma análise e descrição dos elementos que compõem o projeto gráfico do romance juvenil *O dono dos pés* (1996), de Jussara Koury, bem como de sua atualização mais recente, em 2013. À vista disso, são abordadas as capas, contracapas, paratextos e outros elementos composicionais. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, na qual os procedimentos foram analítico-descritivos. Além disso, foram trazidas à baila considerações da autora da obra relatadas em uma entrevista episódica. A fundamentação teórica é ancorada em estudiosos que discutem sobre questões editoriais e gráficas, como Camargo (1995), Moraes (2008) e Genette (2009); e ainda autores que se debruçam sobre a literatura juvenil, como Ceccantini (2021), e a relação do mercado editorial e os títulos que abordam doenças, a partir de Novaes (2021), uma vez que o romance tematiza o HIV/aids. Como resultado, observou-se que a atualização do projeto gráfico da narrativa possui intencionalidade, garante uma nova circulação do livro – seja pelo público, seja nas livrarias e sites –, mas que também esbarra em questões relativas às imprecisões editoriais.

**Palavras-chave:** Projeto gráfico; circulação; literatura juvenil; *O dono dos pés*; Jussara Koury.

**Abstract:** Graphic designs for youth literature have been increasingly elaborated by the publishing chain, which requires a closer look from critics and researchers. Considering this issue, this objective study carried out an analysis and description of the elements that make up the graphic design of the youth novel *O dono dos pés* (1996), by Jussara Koury, as well as its most recent update in 2013. In View of this, covers, back covers, paratexts and other compositional elements are addressed. To this end, a qualitative investigation of a bibliographic nature was carried out, in which the procedures were analytical-descriptive. In addition, considerations of the author of the work were brought to the fore, reported in an episodic interview. The theoretical basis is anchored in scholars who discuss editorial and graphic issues, such as Camargo (1995), Moraes (2008) and Genette (2009); and also authors who focus on youth literature, such as Ceccantini (2021), and the relationship between the publishing market and titles that address diseases, based on Novaes (2021), since the novel addresses HIV/aids. As result, the update of the narrative's graphic design is intentional, ensuring a new circulation of the book – whether by the public or in bookstores and websites –, but that it also comes up against issues related to editorial inaccuracies.

---

\*Doutorando em Letras, Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: moraes.isaque050@gmail.com.

\*\*Doutora em Letras, Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: dani.segabinazi@gmail.com.

**Keywords:** Graphic design; circulation; youth literature; *O dono dos pés*; Jussara Koury.

## Introdução<sup>1</sup>

Desde a consolidação da Literatura Juvenil brasileira, nas últimas décadas do século XX, cada vez mais os projetos gráficos dos livros têm sido desenvolvidos com variados graus de sofisticação. Tal questão é influenciada diretamente pela compreensão de que uma obra pode gerar diferentes efeitos de sentido, a partir de todos os seus elementos composicionais, pelo avanço das tecnologias – que possibilitam novos arranjos gráficos –, bem como, de aspectos mercadológicos. Isso ocorre porque, como argumenta o ilustrador Odilon Moraes (2008), o objeto livro possui um *corpo* composto pelo formato, as cores, entre outros aspectos, e uma *alma*, que se dá a conhecer na medida em que o leitor tem contato com suas páginas. Logo, pensar no projeto gráfico de um livro é também o início de sua materialização no mundo.

Há uma relevância significativa ao relacionarmos questões editoriais e gráficas com a literatura direcionada ao público jovem, uma vez que a crescente de títulos destinados a esse público revela que os livros juvenis são uma vertente de grande interesse para o mercado, o que envolve, também, compras de programas governamentais voltados à leitura literária na Educação Básica, como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – Literário (PNLD – Literário). À vista disso, as diferentes propostas gráficas que uma obra adquire com o passar do tempo pode imprimir a ela outros corpos e influenciar diretamente o contato com a sua alma.

Para Camargo (1995), o projeto gráfico inclui aspectos de diagramação, impressão e encadernação, ou seja, desde o formato do livro ao tipo da capa, seja ela brochura ou dura, perpassando ainda elementos como as cores e o tamanho das letras, por exemplo. Já Moraes (2008), amplia essa noção ao considerar que esse tipo de projeto (o equivalente a *design* gráfico) é uma ideia – ou proposta – de leitura. A perspectiva adotada pelo teórico demarca o efeito da intencionalidade dos projetos gráficos, visto que é por meio deles que autores, ilustradores e editores, ou seja, a cadeia produtiva do livro, constroem um projeto que engendra sentidos.

Ao considerarmos não somente a importância dos projetos gráficos para os livros, mas também quais efeitos podem ser gerados a partir da forma como são elaborados, neste

---

<sup>1</sup> O presente artigo é um recorte de uma pesquisa acadêmica de dissertação. O estudo recebeu fomento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ).

artigo, intencionamos discutir como esses elementos podem ainda fazer circular obras a partir de atualizações relativas ao *design* delas. Como corpus do estudo, selecionamos o romance juvenil *O dono dos pés*, da autora pernambucana Jussara Koury, em suas duas edições que foram lançadas, respectivamente, em 1996 e 2013, enfocando as capas, contracapas e paratextos das edições. Metodologicamente, foi empreendida uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico-descritivo.

Além dos aspectos analíticos, com o propósito de contextualizar a obra em seu processo de produção na década de 1990, articulam-se considerações da própria autora do romance<sup>2</sup>, a partir de uma entrevista episódica, realizada em 2023 e disponibilizada na pesquisa de Moraes (2024). Nesse tipo de entrevista, predominam relatos do entrevistado sobre determinados períodos e fatos, o que permite a abordagem específica de questões relevantes para um estudo, como orienta Uwe Flick (2013). Por isso, consideram-se também questões relativas ao processo de escrita da autora na construção de seus títulos.

O enredo do romance gira em torno do descobrimento do diagnóstico positivo para HIV que o protagonista, Nado, recebe. A partir disso, desenvolve-se uma sequência de efeitos sociais e subjetivos da indexação diagnóstica sobre o personagem e aqueles que o cercam, como sua família e amigos. Paralelo a isso, Viviane, a segunda protagonista da narrativa, está organizando um evento com o intuito de acabar com a violência, denominado *Pedalando pela paz*, que reúne diversos jovens e autoridades (políticas, religiosas etc.) em um percurso por cidades de Pernambuco.

### **O romance e suas edições**

Lançada a primeira edição em 1996, o romance *O dono dos pés*, de Jussara Koury, é o segundo título destinado ao público juvenil escrito pela autora. A obra é demarcada por um viés ético, além do estético, reflexo do seu compromisso com questões sociais, e toma como temática cerne do texto o HIV/aids. A autora aponta duas motivações principais para a escrita do romance, sendo elas: a luta pela quebra de preconceitos e a reponsabilidade social que a figura do escritor possui. “Eu compreendo que a minha escrita não é para mim, é para quem ler. Eu não escrevo para mim, eu escrevo para quem ler” (Koury, 2023, informação verbal). Em continuidade, a escritora comenta que um dos objetivos da sua escrita é instigar o pensamento crítico sobre diferentes temas. Não

---

<sup>2</sup> Desde meados da década de 2010, a autora adota uma nova grafia para o seu sobrenome, com o acréscimo da letra “h”. Por isso, quando utilizamos informações verbais, consideramos a grafia atual. No entanto, durante o texto, tomamos como base a grafia com que assina a publicação original do romance.

obstante, quando escreve para jovens, por exemplo, considera quais são os questionamentos desse público para compor as suas narrativas.

Koury destaca que a questão do HIV, no período de produção do livro, era um assunto vigoroso. Para ela, isso ocorria por diferentes fatores, como o fato de estar relacionado à sexualidade, a ideia de promiscuidade associada aos sujeitos que eram acometidos pelo vírus e ainda a questão das drogas injetáveis. “A sociedade moralista pensava como um pecado mortal, estava em cima das pessoas que tinham HIV” (Kouryh, 2023).

Os apontamentos da autora sobre a questão do HIV/aids, na década de 1990, revelam como o imaginário social sobre o vírus e a doença estava infectado pelas diversas inverdades oriundas de um cenário social que ainda procurava compreender o que era o HIV e seus efeitos. Nesse sentido, para a escritora, o que se fazia com os indivíduos que viviam com o vírus naquele contexto era “estrapalhar a sua individualidade” (Kouryh, 2023), o que revela uma consciência acerca dos efeitos para além do processo de adoecimento, ou seja, que afetava também a subjetividade.

Levando em conta esse panorama, Jussara Koury sentiu a necessidade de escrever e comunicar sobre o tema para os jovens como uma questão social. O processo de elaboração de um livro para a escritora é comum a todos os seus títulos, que ela considera como algo natural de sua escrita, divididos em momentos: o primeiro é o de definição, ou seja, a escolha do tema do que será escrito e do público para quem o texto será direcionado; o segundo é o de estudo e pesquisa, isso significa dizer que empreende-se um levantamento de dados a partir de diferentes fontes, entre tantas, as conversas entre pares e outros sujeitos; por último, o terceiro momento é o da própria escrita ou o da feitura do livro propriamente dito.

Por ser um percurso de construção já orgânico da escritora, ela considera que não houve nenhuma dificuldade na construção de *O dono dos pés*. Na entrevista, Koury destaca que a questão do HIV/aids começou a inquietá-la de maneira considerável, e esse quase frenesi desencadeou a escolha do tema. Como público, ela considerou os adolescentes dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

A escritora afirma que, no fim da década de 1990, a Editora Bagaço, na qual publicou todos os seus livros literários, consultava diferentes autores sobre a disponibilidade de irem às escolas para discutir sobre as obras com os estudantes da Educação Básica, como parte do processo de comercialização de uma obra. Koury, que sempre se apresentou disposta a realizar esse trabalho, relata que foi um período muito

rico de debate, pois gostava de ir de sala em sala falar com os jovens sobre o livro. Nessas discussões, ela enveredava por questões como o preconceito e as bases familiares das personagens do romance, a fim de ampliar as visões de mundo dos ouvintes/leitores.

Acerca do fato de o livro ter sido reeditado, Koury esclarece que, desde a primeira edição, a obra obteve muitas tiragens<sup>3</sup>. À vista disso, a autora considera que a circulação do livro foi expressiva e positiva. Na edição lançada em 2013, ela destaca o fato de o livro ter recebido uma capa mais atualizada: “é porque a editora, vez por outra, eles fazem isso para dar uma repaginada nos livros” (Kouryh, 2023). Por último, quando indagada sobre a vontade ou não de reescrever a obra, Jussara Koury pontua que não tem esse desejo, pois considera o livro como o retrato de uma época na forma escrita, mas, apesar disso, ela situa que se sentisse tal necessidade, o que seria produzido é uma espécie de complementariedade à obra. Sendo assim, depreende-se que quando a escritora faz referência ao “retrato de uma época”, ela está considerando diretamente os anos críticos da epidemia de HIV/aids, até mesmo porque, não se pode esquecer, a questão ainda é extremamente atual.

Os elementos situados na entrevista episódica pela autora apontam para outros aspectos relevantes sobre livros, literatura e cultura. Quando a escritora considera o livro como o “retrato de uma época”, ela evidencia também um dos núcleos temáticos, dentro da sistematização empreendida por Ceccantini (2021), do qual as produções juvenis no Brasil têm seguido, a saber a vertente histórica, cujo peso do contexto histórico que a narrativa retrata é proeminente. É preciso ressaltar, contudo, que o livro adquire o caráter da vertente histórica a partir de um olhar contemporâneo, uma vez que sua publicação ocorreu em um período emergencial da temática.

Nesse sentido, à época, o livro não se constituía como uma ficção histórica, mas sim como uma narrativa de viés realista daquele contexto. Apesar disso, outra questão é pertinente: a temática do HIV/aids ainda é atual, seja no que diz respeito ao avanço do tratamento e o processo de cronificação da vivência com o vírus, seja em decorrência das muitas mortes que ainda ocorrem por falta de acesso ao tratamento de maneira adequada. Por conseguinte, apesar de fazer referência a um período crítico da história, o romance juvenil pode ser lido também como pertencente a outros núcleos.

---

<sup>3</sup> Por “tiragens” pode-se correlacionar às reimpressões da edição. Para ter um número mais exato da quantidade, durante o percurso desta pesquisa, entramos em contato com a Editora Bagaço e solicitamos os números, mas não obtivemos retorno da empresa.

Como exemplo, a seguir são apontados outros núcleos e suas respectivas características: narrativas de formação (*bildungsroman*), ou seja, que “se ocupam centralmente das primeiras experiências dos jovens inseridos na sociedade, em busca de sua plena identidade” (Ceccantini, 2021, p. 19); desigualdade social/violência, isto é, obras de “registro verista e crítico, que, tal como vertentes do Realismo brasileiro, se empenham em representar a sociedade brasileira a partir de suas graves contradições” (Ceccantini, 2021, p. 20); família/amor/amizade, pois evidenciam “a representação dos relacionamentos humanos, em toda sua complexidade” (Ceccantini, 2021, p. 20); e ainda bullying/assédio/discriminação, haja vista que “costuma ser explorado o desastre emocional causado às personagens (geralmente protagonistas) pela ação preconceituosa de determinados sujeitos, que reproduzem à exaustão preconceitos e agressões de variada ordem” (Ceccantini, 2021, p. 21). Isso ocorre porque o HIV/aids, como uma questão social, atravessa todas as vertentes apontadas.

Apesar do recorte temporal de Ceccantini (2021) ser entre 2008 e 2019, o romance juvenil *O dono dos pés*, por exemplo, demonstra que os núcleos podem ser atestados desde o fim do século XX. Essa possibilidade de correlação confirma como as temáticas fraturantes, isto é, aquelas que representam cisões entre o que é considerado “adequado” ou não para esse público, são uma tendência da literatura juvenil que estão postas como representações da pluralidade sociocultural as quais os jovens possuem contato.

Por fim, outro aspecto relevante é o fato de o livro receber uma “repaginada”, pois isso diz respeito ao processo de circulação dos textos, uma vez que, na contemporaneidade, cada vez mais, os livros são consumidos primeiramente pela capa, pois ela é o convite ao texto. Logo, ao receber a atualização gráfica, passa a atrair novamente os leitores e, conseqüentemente, a circular. Considerando tais fatores, a seguir serão exploradas as capas e contracapas das edições do romance.

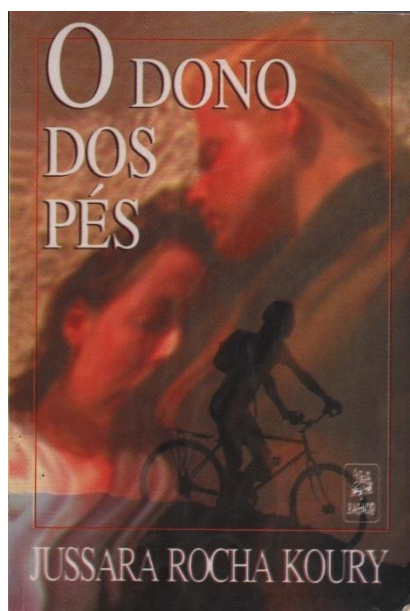
### **Os projetos gráficos de *O dono dos pés* (1996; 2013)**

O projeto gráfico de um livro diz respeito à composição de seu suporte, o que leva em conta elementos como capa, ilustrações, título, folha, a identidade visual, o tamanho das letras, a distribuição das informações nas páginas, entre outros elementos. Nas últimas décadas, encontram-se planejamentos de impressos e digitais cada vez mais inovadores, com uma gama variada de recursos. Muitas editoras utilizam justamente esse conjunto de elementos como estratégia para o consumo da obra, uma vez que por meio deles é possível atrair os mais diferentes leitores. Esses elementos são importantes também porque são

“designação e classificação dos discursos próprios de um tempo e de um lugar” (Chartier, 2017, p. 37).

No caso específico do romance juvenil *O dono dos pés* (1996; 2013), deparamo-nos, no decurso desta pesquisa, com dois projetos gráficos diferentes<sup>4</sup> e que, à sua época, dialogam não somente com o enredo da narrativa, mas também com o público ao qual é destinado, mas não somente a ele, visto que o alcance de um livro é variado a partir das estratégias empreendidas em sua publicação e que suplantam as questões gráficas. Esses aspectos dizem respeito também à forma como a obra se constrói em diferentes momentos da história, quando efetuamos uma leitura cultural (Chartier, 2017).

**Figura 1** – Capa da edição de 1996



**Fonte:** Acervo pessoal.

Na capa da 1ª edição do livro, elaborada pelo ilustrador Paulo Rocha, também responsável por ilustrações da mais recente edição do livro infantil *Um voo diferente*, de Jussara Kouryh, é possível perceber alguns elementos que estão de acordo com os projetos gráficos de muitos livros publicados no final do século XX. A exemplo disso, destaca-se o efeito sépsia sobre a fotografia da capa, ou seja, os tons avermelhados e

---

<sup>4</sup>Durante a pesquisa, o enfoque se dá sobre as edições de 1996 e 2013. No entanto, é preciso esclarecer que em 2006 a editora lançou uma 2ª edição do livro, sendo as diferenças da primeira apenas a atualização da logo da Bagaço e a centralização dela na capa, bem como, na contracapa, a centralização das massas verbais e da foto da autora. Por conta disso, não consideramos as mudanças editoriais significativas como um novo projeto gráfico. O mesmo acontece com a edição publicada em 2019, que segue os mesmos padrões da atualização realizada em 2013, com alterações pouco substanciais.

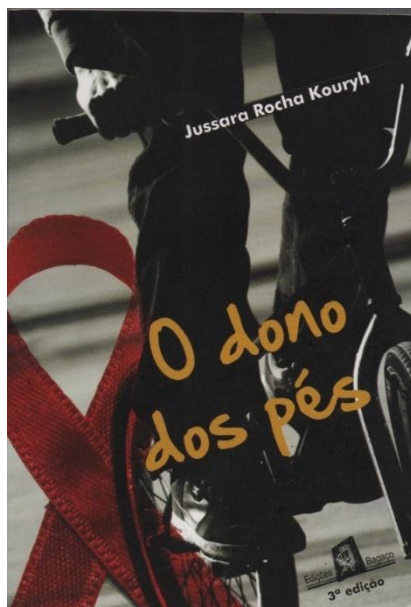
marrom. Na capa, também é evidente um enquadramento por meio de um retângulo vermelho, que engloba aspectos essenciais como as duas imagens e o título da narrativa.

Dentro da demarcação, mas não se limitando a ela, encontra-se uma fotografia de fundo, na qual uma jovem apoia o rosto em um rapaz, com uma espécie de ondulação na imagem, o que remete a uma lembrança/sonho. É presumível, uma vez que não há outras ilustrações no livro, que ambos representem os protagonistas do enredo, a saber Viviane e Nado. Também há a figura de um rapaz em uma bicicleta, sobrepondo-se à foto de fundo e em sentido oposto aos rostos da outra imagem, fazendo referência ao evento principal da narrativa, chamado de *Pedalandando pela Paz*. Essa imagem possui um grau de transparência e não é possível identificar traços específicos da figura, apenas o contorno, delimitado de vermelho. Por último, na parte inferior do enquadramento, mais especificamente no canto direito, está a logo da Editora Bagaço, na cor branca, em contraste com as cores predominantes da capa, composta pela figura de uma prensa e o nome da editora.

Todas as informações verbais da capa são dispostas em caixa alta, possuem serifas e são sombreadas – com exceção da logo da Bagaço –, em cor branca, sendo o nome da autora posicionado fora do enquadramento, na margem inferior da capa, ainda com a grafia original de seu sobrenome “Koury”. Um fator interessante é o sangramento do “O” para além do enquadramento, como uma espécie de capitular. Por não haver outras informações sobre o projeto gráfico da obra no suporte, além do nome do ilustrador da capa, apenas inferimos que a técnica utilizada para a reprodução da capa seja justamente a da prensa. Observa-se, então, que todas as referências contidas se referem aos protagonistas, mas não evidenciam nada relativo à questão do HIV/aids.

As características da capa são similares a outras daquele período e que abordam a questão da doença para os jovens, como os livros de Lurlene McDaniel, cujas capas possuíam também o tom sépia. O mesmo estilo é encontrado ainda em outros livros de Jussara Koury, como o romance *Sophia* (1997). Ainda sobre o projeto gráfico dessa edição, destaca-se a figura de uma bicicleta ao final de alguns capítulos da narrativa, como uma vinheta, que, com o avançar do texto, muda de posição, exemplificando o percurso do leitor durante a leitura até a conclusão do enredo. Na lombada, encontram-se mais uma vez o título do romance e o nome da autora, seguindo as mesmas características tipográficas apontadas na capa.

**Figura 2** – Capa da edição de 2013



Fonte: Acervo pessoal.

Diferentemente da edição anterior, mas que mantém o mesmo formato, a nova publicação, lançada em 2013, propõe um projeto gráfico mais moderno e explícito acerca do HIV/aids. Segundo Genette (2009), uma edição diz respeito à forma como um livro é proposto ao público, e as formas de apresentação, a partir de diferenças em maior ou menor grau, podem gerar outras edições. Por causa disso, é preciso esclarecer que, apesar de na capa estar descrito “3ª edição”, o suporte apresentado ao público em 2013 diferencia-se consideravelmente daquele considerado como a segunda edição pela ficha catalográfica. Na ficha, a segunda edição é apontada como publicada em 2006, no entanto, o que ocorreu naquele ano foi apenas uma reimpressão da edição original da obra, uma nova tiragem. Não obstante, na mais recente reimpressão do livro, realizada em 2019, na capa está a informação “2ª edição atualizada”. Ou seja, o exemplo de *O dono dos pés* revela como questões relativas ao processo editorial ainda são complexas.

Posto isso, verifica-se ainda que no suporte não há informações sobre a elaboração do novo projeto gráfico do livro. Por causa disso, acreditamos que a figura de fundo da capa é, provavelmente, oriunda de um banco de imagens. Nela é possível notar um jovem em uma bicicleta, em tons de preto e branco, com foco nos membros inferiores do rapaz, e, pelo veículo não aparecer completo, dá uma sensação de movimento para o observador. Outra questão que sobressalta aos olhos são as vestimentas do jovem: calça, casaco e tênis; muito comum aos jovens urbanos. No quadro da bicicleta está posicionado o nome da autora, já com a grafia que adotou e assina seus textos atualmente, “Kouryh”, com

letras não serifadas e na cor branca, em contraste ao veículo. O fundo da capa é desfocado, dando ênfase à imagem, mas é possível inferir que a cena ocorre em um cenário citadino.

Apesar das novas características já apontadas, as diferenças mais marcantes da edição anterior estão justamente no título e no laço vermelho, esse último que representa solidariedade e comprometimento no combate à aids. Acerca do título, constata-se uma tipografia mais dinâmica, em tom amarelo, contrastando com a paleta de cores que compõe a imagem, e sem serifa. Já o laço, destaca-se por compor grande parte do lado esquerdo da capa, sangrando, inclusive, para a lombada. Nela, por sua vez, não há indicações de título e autoria, como havia na primeira edição. A escolha pela posição e o tamanho ao qual o símbolo foi organizado na capa, evidenciam a temática do HIV/aids de maneira explícita na obra.

No tocante à logo da editora, nota-se que ela está posicionada assim como na primeira edição, contudo, distingui-se pela nova roupagem que apresenta, uma vez que a figura representada é a de uma capa de livro, na qual um jovem realiza uma leitura, um exemplo metalinguístico da própria cadeia editorial, composta por autores, leitores, livros e mercado editorial. Por último, nessa edição não há o recurso da vinheta representada pela bicicleta ao final dos capítulos.

Diante disso, é importante destacar os apontamentos de Novaes (2021) sobre o mercado editorial e a *teen sick-lit*<sup>5</sup>. Conforme orienta a autora, no contexto do século XXI, são utilizadas diferentes estratégias comunicacionais por esse mercado. Nesse sentido, é importante compreender o que comunica o símbolo do laço em uma capa de livro. Em primeiro plano, dois aspectos sobressaltam: *a explicitude temática*, o que pode ser um indicador para o consumidor e facilitador de vendas, não se pode esquecer que de acordo com a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (Failla, 2012; 2016; 2021), em suas últimas três edições, realizadas, respectivamente, em 2011, 2015 e 2019, o tema/assunto é o principal fator de influência na escolha de um livro; e o *reduccionismo temático*, ou seja, a limitação que o símbolo pode impor ao livro caso ele seja percebido apenas pela tematização que desencadeia no enredo.

Além disso, as possibilidades de comunicação simbólica a partir do laço são diversas. Ao propor o destaque da figura podem ser ativados também os conhecimentos prévios do leitor acerca do assunto, isso pode ser encarado, inclusive, pelos próprios imaginários que os diferentes discursos sobre a aids produzem, isto é, desde a

---

<sup>5</sup> Gênero literário da literatura juvenil no qual são tematizadas doenças.

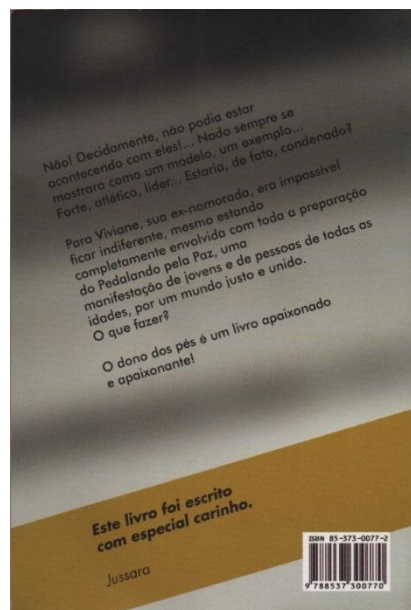
discriminação/estigma às diferentes vivências da pluralidade de sujeitos afetados pelo vírus e a doença. De todo modo, o que não deixa de ser é uma estratégia de comunicação editorial, reforçada ainda pela atualização dos outros aspectos gráficos da capa, que empregam certa modernização/atualidade ao suporte da narrativa.

**Figura 3** – Contracapa 1996



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 4** – Contracapa 2013



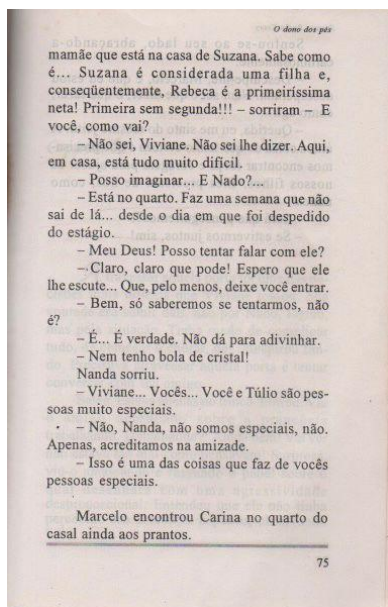
Fonte: Acervo pessoal.

No que concerne às contracapas das edições, constata-se mais semelhanças do que diferenças. A exemplo disso, ambas são compostas por massas verbais, as quais apresentam um trecho do capítulo inicial do livro, uma espécie de síntese que provoca o leitor a conhecer a narrativa e uma ideia final da trama com o duplo sentido da paixão, tanto no que diz respeito ao HIV/aids quanto acerca das relações amorosas da história. Diferenciam-se apenas pelo fato de que na primeira edição as massas textuais são blocadas, já na edição seguinte elas são alinhadas à esquerda e inclinadas. Também é elemento comum o código de barras, mas disposto em lados opostos das edições. Há em ambas, ainda, um recado da autora, o que estabelece uma afetividade na relação autor-livro-leitor, sendo disposto, na edição de 2013, em uma faixa inclinada de cor amarela. Contudo, na primeira edição há destaques em negrito que não aparecem no projeto gráfico mais recente. Outra diferença é o fato de apenas na primeira versão constar uma foto da autora, bem como a antiga versão da logo da editora. Nota-se, similantemente, que cada contracapa segue a identidade visual de cores de sua própria edição.

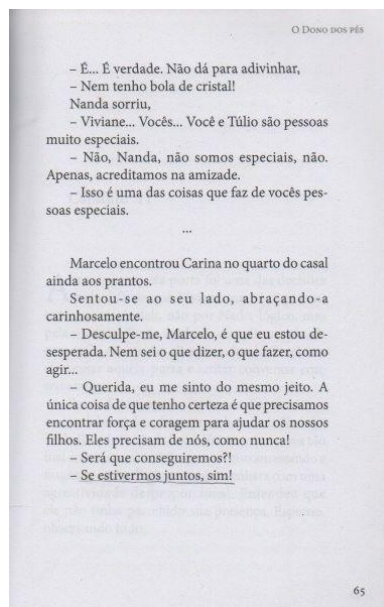
Nas duas contracapas, não há referência explícita ao HIV/aids. Em função disso, observa-se que apenas a capa da edição de 2013 torna manifesto a tematização do enredo, o que pode facilitar a relação do leitor com a *teen sick-lit* ao ver a indicação temática. No entanto, é preciso considerar que no contexto de publicação da edição original, a questão do HIV/aids ainda enfrentava interdições no campo do discurso, ou seja, comunicar explicitamente sobre o assunto era uma barreira a ser transposta. Ao mesmo tempo, a não referência ao tema permite que leituras múltiplas sejam realizadas não somente do projeto gráfico quanto da narrativa do livro que não encara a disposição do tema já na apresentação do suporte, ou seja, na capa. As edições apontam, então, para um processo de transformação que não compete somente ao mercado editorial e a *teen sick-lit*, mas também ao *status* que o discurso sobre HIV/aids aufere com o passar dos anos.

De maneira semelhante, presencia-se a tentativa de apreensão nos projetos gráficos de representações próximas aos adolescentes/jovens. Encaramos como tentativa na medida em que a pluralidade desse grupo social é de utópica totalização. Nesse sentido, as identificações e estranhamentos com os projetos gráficos podem ser vários, independentemente da relação que se estabelece com o contexto editorial de cada época, até mesmo porque todo planejamento a nível de editoração passa por vereditos de uma equipe que julga, a partir de abstrações, qual seria o perfil do público ao qual o livro é direcionado.

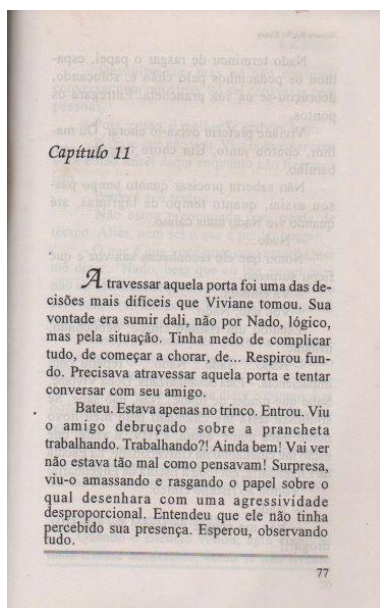
Outros aspectos editoriais também sofreram alterações com relação à primeira edição. A exemplo disso, o título corrente nas páginas foi proposto em itálico na edição de 1996, já na versão mais recente ele é disposto apenas em caixa alta. Os capítulos, na 1ª edição, são indicados com o uso do itálico, já na edição de 2013, esse recurso não é empregado. Mais uma mudança é a das letras capitulares, pois na edição de 1996 diferem da fonte mantida durante o texto e são demarcadas pelo recurso do negrito e do itálico, já em 2013, apenas há uma ampliação do tamanho e o negrito é utilizado. Já as mudanças de perspectiva narrativa dentro dos capítulos são alternadas com o recurso das reticências na edição atual, o que não ocorria na de 1996, bem como demarcam a passagem do tempo (passagens curtas) e trocas de cena. No entanto, o recurso de algumas dessas passagens de tempo/mudança de perspectiva/trocas de cena é suprimido na edição mais recente. Um aspecto comum às duas edições é que a fonte do texto verbal é grande, o que pode facilitar o processo de leitura do público juvenil em processo de consolidação das competências relacionadas à linguagem verbal.

**Figura 5** – Mudança de cena e título corrente (1996)

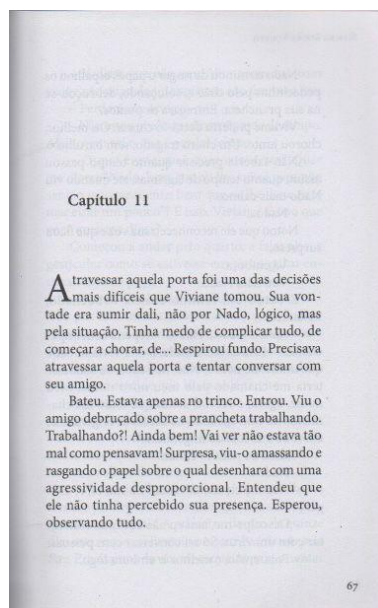
Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 6** – Mudança de perspectiva/cena e título corrente (2013)

Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 7** – Capítulo e capitular (1996)

Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 8** – Capítulo e capitular (2013)

Fonte: Acervo pessoal.

A última versão também recebe atualizações, no que diz respeito à ortografia de determinadas palavras, no tocante à retirada de acentos, sinais gráficos, como o trema, e a grafia de “história” no lugar de “estória”, por exemplo. Acerca do uso da pontuação, também se encontram alterações, como o uso da exclamação para indicar interjeições, que, na primeira edição, eram apenas isoladas com o uso da vírgula. Há ainda uma revisão

gramatical na edição mais recente, como de regência nominal e verbal, e foram realizadas correções de erros de digitação. Ademais, alguns locais que eram indicados com letra maiúscula no início, em 1996, não são mais assim grafados em 2013, como “pracinha”. No entanto, também há recursos que foram mantidos, a saber o uso do maiúsculo para dar ênfase a certas expressões. Atualizam-se, ainda, etapas da Educação Básica e suas equivalências, a exemplo do 1º Grau Menor para 1º ano do Ensino Fundamental, e 8ª série para 9º ano. Na edição de 2013, encontramos as grafias “AIDS”, “Aids” e “aids”, enquanto na primeira edição, padronizava-se a utilização de “AIDS”.

### *O caso da epígrafe*

Antecede ao primeiro capítulo uma epígrafe. Esse elemento paratextual é definido por Genette (2009) como uma citação fora da obra, ou seja, que não é parte da composição do enredo propriamente dito. São propostos como epígrafe do romance alguns versos<sup>6</sup> (polêmicos) aos quais são atribuídos autoria à Henfil. Henrique de Sousa Filho (1944-1988), mais conhecido pelo pseudônimo Henfil, foi um jornalista, cartunista e escritor brasileiro, que publicou muitos de seus textos em revistas e periódicos. Atuante socialmente e politicamente, muito da sua produção era demarcada por essas tônicas. Seus personagens mais famosos, os *Fradinhos*, resultaram em uma revista com o mesmo título, publicada na década de 1970. Ele foi um dos responsáveis por revolucionar as HQ's no Brasil, pois produziu personagens que se aproximavam com mais veemência ao povo brasileiro, haja vista que muito da produção que circulava na época era influenciada pelas HQ's norte-americanas.

Henfil era irmão do músico Francisco Mário de Sousa (1948-1988) e do sociólogo Herbet José de Sousa (1935-1997). Este último, mais conhecido como Betinho, foi um dos principais ativistas sociais do Brasil a respeito da aids, ele é responsável pela fundação da organização não governamental Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), em 1987, e que continua em atividade. Todos os irmãos sofriam de um distúrbio genético que afeta a coagulação do sangue, denominado de hemofilia. Por causa das periódicas transfusões de sangue necessárias para o tratamento da doença, os irmãos foram infectados pelo vírus do HIV, no final da década de 1980, e morreram, posteriormente, em decorrência de complicações da aids. A escolha de Henfil para

---

<sup>6</sup> A seguir, os versos: “... Se não houver frutos,/ valeu a beleza das flores;/ se não houver flores,/ valeu a sombra das folhas;/ se não houver folhas,/ valeu a intenção da semente...”.

compor a epígrafe do livro é evidente no que tange à temática da narrativa, e pelos versos destacados abordarem justamente o fato de que, apesar de circunstâncias adversas, a vida vale a pena, metoforizado na “intenção” da semente.

No entanto, há uma polêmica que envolve esses versos, justamente a da autoria. No livro *Diretas Já!* (1984), cujo título é o *slogan* da campanha de redemocratização no Brasil, que compila diversos escritos do cartunista, principalmente algumas cartas da mãe (crônicas) – publicadas originalmente na revista *Isto é* – e algumas charges, Henfil, em uma seção sobre o mês de novembro de 1982, afirma: “Um dia, em Jundiá, um puro, ao ouvir meu OPTEI pela organização do povo, me deu os seguintes versos, que passo adiante amanhã” (Henfil, 1984, p. 63). Na obra Henfil assume que, de fato, a autoria dos versos não é dele, mas sim de um autor desconhecido. Apesar de deixar isso claro em 1984, os versos se popularizam e a ele é atribuída a autoria.

Este caso revela o prestígio do nome do autor evidenciado por Márcia Abreu (2006), uma vez que à época Henfil já era consolidado como um dos principais cartunistas e escritor brasileiro, logo, a atribuição de autoria dos versos a ele dá a validade aos escritos que não haveria se fossem veiculados sempre como de um “autor desconhecido”. Mas isso é uma outra história. Quem reivindicou a autoria dos versos foi Maurício Francisco Ceolin (-2015), como poeta: Chico Ceola; professor e escritor que publicou o livro *Saudades da Tribo* (2000), no qual denota os versos – partes de um poema maior – supracitados como componente de sua obra. Outros textos de Ceola podem ser encontrados na antologia *Mar de palavras: poesias reunidas*, organizado pelo Sindicato de Professores do ABC (Sinpro)<sup>7</sup>.

### Considerações finais

A atualização de um projeto gráfico pode colocar em jogo novamente obras que não se mantiveram nos filões literários com o tempo e não alçaram à posição de cânone. Nesse sentido, a renovação gráfica do livro o faz circular novamente, se não diretamente nas mãos do público, ao menos volta a ser exibido nas livrarias e *sites* das editoras. São estratégias comunicacionais editoriais que colocam em destaque e reavivam títulos, considerando também a transformação do público com o tempo e as novas configurações estéticas voltadas ao objeto livro que estão em evidência na atualidade. Isso requer um

---

<sup>7</sup> Cf.: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12875560/mar-de-palavras-poesias-reunidas-sinpro-abc>. Acesso em: 05 ago. 2024.

olhar mais atento da crítica especializada e dos pesquisadores que se voltam para o objeto livro.

Na literatura juvenil, os aspectos gráficos têm assumido cada vez mais destaque, principalmente em virtude da compreensão contemporânea de que o objeto livro comunica, ou seja, tanto os elementos textuais quanto os paratextuais. Nesse sentido, em *O dono dos pés* (1996; 2013), de Jussara Koury, constata-se elementos que conferem tendências dos temas fraturantes de maneira explícita, como a figura do laço na capa mais recente que evidencia a tematização do HIV/aids na narrativa. Isso se dá também pela própria conjuntura da *teen sick-lit* nas últimas décadas que tem atraído grande parte do público jovem ao trazer a discussão sobre as doenças. Todavia, tal explicitude pode também gerar uma leitura pelo viés do reducionismo, a qual pode levar o leitor a pensar que apenas tal temática está presente no livro.

Considerando tais aspectos, o que não se pode deixar de lado é que as estratégias, como as de aproximação com o público jovem através das vestimentas e do cenário urbano, conferem ao objeto uma atualização com intencionalidade. Isto significa dizer que há um projeto de leitura, na esteira do que defende Moraes (2008), que, neste caso, tem a finalidade de alcançar a parcela juvenil do público leitor. É evidente, no entanto, que a intencionalidade não garante a efetivação de tal propósito de leitura, uma vez que o grupo social formado por jovens é tão plural que é utópica a sua totalização. Sendo assim, a atualização gráfica da obra renova-a de acordo com a pretensão da cadeia editorial do que seria o necessário para alcançar tal público.

É por esses tantos motivos, leitor, que você encontrará pequenas diferenças no texto (não no conteúdo) se optar por ler a edição mais recente do livro. Contudo, uma questão que deve ser salientada é que em ambas as brochuras a atribuição de autoria à elaboração dos projetos gráficos não são explicitadas nas obras, o que revela determinadas imprecisões dos processos editoriais, visto que não é disponibilizado ao leitor o acesso às informações sobre os diferentes autores do livro enquanto projeto editorial. Sendo assim, apesar de fazer circular novamente, as obscuridades apontadas revelam que ainda é necessário avançar em aspectos editoriais a fim de que o projeto de um livro possibilite a sua apreensão em outros graus de completude.

## Referências

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CAMARGO, Luis. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.

CECCANTINI, João Luís. Literatura juvenil brasileira no horizonte (2008-2019). In: ROCHA, Dheiky do Rêgo Monteiro; MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios; CECCANTINI, João Luís (org.). **Livro juvenil: estética, crítica e experiência literária**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2021, p. 13-28.

CEOLA, Chico. **Saudade da tribo**. Santa Bárbara d'Oeste: Hertz, 2000.

CHARTIER, Roger. Do social ao cultural. In: CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 33-44.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 5**. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2009.

HENFIL. **Diretas já!** Rio de Janeiro: Editora Record, 1984.

KOURY, Jussara Rocha. **O dono dos pés**. 1ª ed. Recife: Edições Bagaço, 1996.

KOURYH, Jussara Rocha. **O dono dos pés**. 2ª ed. Recife: Edições Bagaço, 2013.

MORAES, Isaque da Silva. **Representações posit(hiv)as na literatura juvenil brasileira: uma análise de O dono dos pés (1996), de Jussara Rocha Koury**. 2024. 174 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/33035>. Acesso em: 16 fev. 2025.

MORAES, Odilon. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008. p. 49-58.

NOVAES, Daniele da Silva Garcez. **Sick-lit, o mercado editorial e a cultura terapêutica**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de PósGraduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, p. 107, 2021. Disponível em: [http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses\\_dissertacoes\\_interna.php?dissertacao=23](http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?dissertacao=23). Acesso em: 19 ago. 2023.

Recebido em: 05/08/2024

Aprovado para publicação em: 25/01/2025